



Estádios Brasileiros de Futebol, uma Reflexão Modernista?

Marcos Paulo Cereto (mcereto@hotmail.com)

Centro Universitário Luterano de Manaus

Resumo

O ensaio estuda a arquitetura dos estádios com enfoque na produção brasileira no século XX, com destaque para o período da revolução de Vargas ao fim do milagre econômico. Aborda a evolução tipológica dos estádios no mundo ocidental, com ênfase nas configurações do edifício como suporte para a prática esportiva, a partir de exemplos significativos de cada período. Identifica a ligação entre a produção brasileira com a produção européia, considerando as diversidades de uso e as características regionais que as diferenciam. Apresenta os aspectos formais, programáticos e óticos como impositivos instrumentais de projeto do estádio e suas conseqüências no resultado edificado. Gera um ponto de partida para a fundamentação teórica necessária ao desenvolvimento de projetos de estádios, em especial nas relações formais entre o espaço dos atletas e do público.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna, Arquitetura esportiva, Estádios

Abstract

This essay studies the stadium architecture in the aspects of brazilian architecture of the 20th century, with eminence to the period between the Vargas Revolution and the Economic Miracle. Approaches western stadiums typological evolution with emphasis on building configurations for sports activities, using for this purpose significant examples of each historical period. Establishing links between Brazilian production and European production, considering their many uses and regional properties. Discusses formal, progatic and optical aspects, as well as the instrumental demands for stadium design and its consequence on the edification. Presenting the basic theory necessary for the development of stadium design, specifically the relations between public spaces and athlete's spaces.

Keywords: Modern Architecture, Sports Architecture, Stadiums

A abordagem do estádio brasileiro no período determinado pela Revolução de Vargas ao fim do milagre econômico levou este ensaio à pesquisa do encadeamento de modelos da arquitetura de estádios europeia e a origem do próprio esporte. A importância do futebol na cultura brasileira estabelece um paralelo contraditório na arquitetura esportiva. A inexistência de estudos mais aprofundados sobre este tema, faz com que a arquitetura dos estádios esteja à parte das discussões acadêmicas estabelecendo um distanciamento da arquitetura com essa paixão popular. A responsabilidade do poder público com construções de edifícios dotados de capacidades monumentais é contraditória devido às atividades esportivas serem desenvolvidas por entidades privadas (clubes). Este fato demonstra a intenção na construção destes edifícios como espaço político, esportivo e cívico, muito utilizado nas ditaduras estabelecidas na América Latina no século XX.

A gênese do esporte e também da tipologia foi encontrada na tradição helênica. As edificações gregas demonstravam um simbolismo religioso chegando ao *status* de templo do esporte. A distinção do espaço sagrado do espaço profano é claramente expressa pela pista onde se desenvolviam as atividades esportivas como espaço sagrado, e as arquibancadas como espaço profano. Esta distinção do atleta olímpico como um ser puro, diferenciado podendo alcançar a imortalidade em uma Olimpíada, tornando-se um *olimpiônico*¹, demonstra claramente o caráter sagrado do espaço, chegando a construção de estátuas para os atletas consagrados em Olímpia. A relação entre o sagrado e o profano juntamente com a função da pista de corrida modelou a geometria do espaço, contando como espaço principal a pista de corridas. O edifício superava a função programática para ser o símbolo do esporte através de Ginásios e Estádios sendo definitivamente o templo.

A topografia é um fator fundamental na implantação grega utilizando as encostas. A relação urbana expressa formalmente através da forma, demonstra a riqueza do estádio como objeto da cidade, dialogando com o espaço construído ou não construído do entorno, dando monumentalidade através de eixos contínuos a abertura do edifício. A implantação considera a topografia, como os demais edifícios existentes e uma vocação de ligação com o ambiente, com a religiosidade e o racionalismo humano. A utilização deste sistema nas cidades contemporâneas estabelece principalmente a importância do lugar onde será construído o estádio e demais instalações, fato que leva a um profundo questionamento das características simbólicas, topográficas, estéticas, do entorno e usos que definiram posteriormente na sociedade contemporânea as *vilas olímpicas*, como espaços integrados conforme o conceito grego. O estádio não é visto de maneira isolada, faz parte de um conjunto de edificações que incluem edifícios habitacionais, de serviços diluindo a massa edificada do estádio dentro de um contexto harmônico.

Com a dominação romana, a consequência imediata ao esporte é a desvalorização e perseguição dos mitos religiosos helênicos, com as competições demonstrando mais a bravura do soldado romano do que uma celebração do culto ao espírito competitivo. A abertura na participação dos Jogos de escravos e cidadãos comuns estabelece uma inversão de valores, com o interesse na busca do dinheiro e não pela imortalidade. Esta profissionalização abre espaço para a corrupção que passa a dominar a decisão dos juizes, perdendo o brilhantismo esportivo e afastando o público tornando as disputas cada vez mais violentas. As competições desaparecem restando apenas a batalha entre escravos, *gladiando* com feras culminando muitas vezes com a própria morte na arena. Este relato demonstra claramente a perda do caráter religioso que envolvia as competições, colocando-se agora a serviço do militarismo e também como *ópio para o povo*. A

mudança da função é manifestada pela mudança da forma, desaparecendo a pista de corridas e transformando o teatro grego em anfiteatro romano. A transformação da pista em *ringue* traz novas necessidades ao edifício, principalmente no que se refere a acomodação dos diferentes públicos. O espaço destinado às feras, aos gladiadores, ao imperador, ao povo, estabelecem necessidades distintas nas circulações, contribuindo com complexo sistema de modo a garantir a privacidade de cada público e seu escoamento. A circulação periférica as arquibancadas como grandes galerias para escoamento do público define um *sistema* para estas edificações verticais. A necessidade de agrupar massas faz com que tenhamos cada vez arenas maiores, dotadas de capacidade não vistas no estádio grego.

A separação do esporte das atividades religiosas estabelece uma relação de implantação do edifício romano diferente do helênico. O edifício poderia estar em qualquer local da cidade, sem necessidades específicas quanto ao simbolismo do sítio. As únicas questões a serem discutidas seriam do ponto de vista do programa a ser vencido estabelecendo assim áreas específicas. Com o avanço das técnicas construtivas o edifício romano define a independência da topografia, não havendo mais a necessidade de adaptar as arquibancadas as colinas. A decisão marca o início de uma era de edificações verticais.

A ruptura da importância na escolha do lote com características específicas para o tema define a principal característica da arquitetura romana, ainda que o edifício apresente equilíbrio formal e estético com a cidade. A adequação deste sistema, maximizando a escala original do anfiteatro para a escala do estádio esportivo (devido ao uso específico, pista de corridas e campo de futebol) foi totalmente equivocada, provocando graves problemas no impacto urbano das cidades contemporâneas. Os estádios atuais ilustram a utilização deste sistema como um edifício isolado, não contemplando edifícios agregados evidenciando a massa não diluída no espaço urbano. Arquitetura de massas não significa edifícios pesados. Os estádios de futebol e mesmo as instalações esportivas com atividades agregadas a um estádio olímpico estabelecem esta relação de uso indevido do sistema romano, devido a escala do objeto. Desta maneira a escolha do lote é fundamental não apenas para as necessidades do uso e do programa, mas deve ser tratado também para as necessidades espaciais, de impacto urbano estabelecendo transição de escala. A necessidade de escolha de lotes maiores que contemplem outras atividades é uma necessidade para adaptabilidade deste tema com o espaço urbano.

A retomada das edificações no século XX, após o hiato estabelecido para competições esportivas envolvendo grandes aglomerações prioriza um momento inicial, onde a referência imediata da construção esportiva recaia diretamente no mundo greco-romano. A pesquisa resgata parte das edificações erguidas durante este período e mostra claramente as limitações que os exemplares arquitetônicos tem em relação a qualidades arquitetônicas. A solução arquitetônica fica definida em função de dois critérios: possibilidades estruturais e programa. O primeiro período é historicista buscando analogias como os equipamentos existentes na história da arquitetura, assim como o esporte busca sua leitura em Olímpia. O Estádio Olímpico de Lyon² tem uma proposta similar ao anfiteatro romano, porém limitada verticalmente, através do movimento de terra diminuindo a altura edificada. Por outro lado a permeabilidade exposta nos arcos das fachadas é diferente da proposta do Anfiteatro Flávio, mais leve devido ao vazio estabelecido pela galeria, independente da altura edificada. Os panos cegos estabelecem o início de uma discussão na busca da arquitetura sem ade-

reços, posteriormente consagrada pelo tema esportivo, devido a escassez de recursos e tempo de construção. O estádio de Wembley³ demonstra através das duas torres a escola acadêmica com princípios compositivos na maneira de elaborar o objeto. Este período apresenta as edificações dentro da arquitetura historicista, não somente na busca dos estilos arquitetônicos, mas na retomada de tipologias da antiguidade estabelecendo o equívoco na adaptação delas com a escala esportiva.

O segundo momento marca uma intenção para com a implantação nas edificações ilustradas pelos Estádios de Berlim⁴, Los Angeles⁵ e Montevideo⁶ buscando a integração do edifício com a cidade. A vocação do edifício em dialogar com o entorno é estabelecida através das aberturas na massa edificada (no caso de Berlim e Los Angeles), relacionado com eixos de circulação dando monumentalidade às edificações. A implantação agrupa outras atividades esportivas configurando assim o *quartirão esportivo* através do estádio, ginásios, piscinas e demais instalações esportivas. Há um cuidado na disposição dos exemplares arquitetônicos de maneira a estabelecer uma grandiosidade tornando a escala monumental. A grande novidade está na relação entre cheios e vazios da implantação. O estádio ainda é projetado como objeto isolado, independente das edificações agregadas, embora tenha a intenção em dialogar com o espaço não edificado. O estádio de Montevideo demonstra claramente os princípios do Urbanismo Moderno, com áreas de lazer relacionadas ao esporte, buscando um contato mais diluído com a cidade.

O desenvolvimento dos sistemas estruturais, aliado às necessidades do objeto arquitetônico, como a proteção para intempérie e o aumento da capacidade dos estádios faz com que o enfoque da implantação do edifício e sua relação com a cidade fiquem a um segundo plano em relação às possibilidades técnicas. Assim sendo, o questionamento das questões problemáticas do estádio de futebol ficam sempre voltados ao edifício e não ao espaço. O estádio de Viena⁷ faz a ponte entre os modelos anteriores com destaque para a implantação, para este novo enfoque: o detalhamento estrutural. A edificação proposta por Schweizer, ilustra a desfragmentação do primeiro plano da fachada, agora representado apenas pelo sistema estrutural caracterizando posteriormente nos anos 50 com Mies Van der Rohe a *grelha miesiana*. O desenvolvimento da estrutura de concreto armado é demonstrado no Estádio Comunale di Firenze⁸ através das soluções plásticas na circulação vertical e no balanço da marquise sobre a arquibancada principal. Os estádios italianos e alemães deste período são marcados por serem utilizados para marchas cívicas de apoio a regimes ditatoriais estabelecendo um caráter de austeridade em suas edificações. O estádio de Rotterdam⁹ demonstra o arrojo com a estrutura metálica tornando a solução estrutural, a estética do exemplar arquitetônico.

O terceiro momento inicia com os estudos de Le Corbusier definindo a ruptura com a composição clássica, alterando a relação formal, o tipo e o modelo marcando uma nova época para os estádios do século XX. Enquanto a arquitetura historicista é marcada pela montagem de elementos arquitetônicos, a proposta de Corbusier entende o estádio como um pavimento tipo que poderá ser utilizado em diferentes situações. A proposta de Corbusier estabelece uma modificação no entendimento das questões entre o objeto e o sítio. O projeto do estádio se torna um protótipo que poderá ser utilizado universalmente. Desta maneira nas implantações analisadas o estádio permanece o mesmo, mas muda o desenho da implantação em relação

aos demais edifícios e instalações esportivas. A mudança do enfoque faz com que o projeto do estádio represente um item isolado e universal atendendo a um determinado programa independente do terreno, enquanto que a inserção deste protótipo na implantação passa a ser o que diferenciara um exemplo do outro. A busca de Corbusier em criar uma nova tipologia adequando o estádio enquanto espaço para o futebol e atividades olímpicas, como grande espaço para manifestações de massa, o anfiteatro urbano, atendendo espetáculos, cinemas e atividades cívicas. A referência conceitual do espaço grego é realizada pela releitura do espaço e programa. A busca por um espaço democrático está enfatizada enquanto programa, não como acesso ao espetáculo diferenciado na distribuição do público nas arquibancadas, com condicionantes diferenciadas. A proposta de Corbusier terá como consequência os projetos de cidade universitária com Marcello Piacentini nos projetos de Roma e no Rio de Janeiro, com o mesmo projeto de estádio implantado em condições diferentes.

O quarto momento marca os grandes estádios com capacidade superando os 100.000 espectadores. Este momento marca a busca pela grandiosidade e capacidade máxima que a estrutura permite, a geometria define, e novamente não o que o espaço urbano permite. Os grandes impactos acontecem com o *brutalismo* das estruturas expostas como uma ferida aberta no tecido da cidade. Os problemas funcionais também ficam maximizados pelo ineficiente sistema de circulação e complexos sistemas viários necessários para o funcionamento.

O quinto momento faz uma reflexão da grandiosidade das mega estruturas dos estádios atingindo capacidades que superavam 200.000 espectadores, para uma proposta de integração do objeto com a paisagem. A proposta de Frei Otto para o Estádio Olímpico de Munique marca uma preocupação com o objeto construído enquanto parte integrante de um sistema de edifícios dentro de uma implantação. A *vila olímpica* marca os melhores exemplos desta retomada do conceito grego de espaço agora como rito esportivo e não religioso. O rito esportivo é valorizado pela transmissão da televisão das competições internacionais, transformando o esporte em negócio altamente lucrativo por trabalhar com o patriotismo e emoções, transformando o espaço esportivo no *templo simbólico* da saúde humana.

As consequências desta mudança do esporte como negócio modificaram a escala de valores e acesso democrático do público aos estádios. Os estádios construídos ou rearquitetados pós anos oitenta mostram uma diminuição na capacidade, valorizando o valor do espetáculo. A modificação do público frequentador dos estádios faz com que o desconforto de uma arquibancada passasse a ser substituído por uma poltrona tão confortável como a de um teatro. A valorização de espaços privados para grupos pequenos, como os camarotes evoluem nos estádios contemporâneos. O espaço destinado para publicidade ganha espaço e define a fachada interna das edificações tendo mais destaque do que a própria arquitetura. Há uma supervalorização no projeto de arquitetura do detalhe construtivo em relação ao todo. As questões relativas a tecnologia construtiva estabelecem uma ordem de grandeza superior aos princípios formais do edifício, determinando uma imagem muitas vezes distorcida da realidade volumétrica. Assim como aconteceu com a arquitetura contemporânea nos anos noventa a uma supervalorização dos elementos decorativos em oposição aos princípios conceituais de um projeto de arquitetura. A arquitetura esportiva veste uma roupa muito cara financiada pelas principais *grifes* da televisão mundial, transformada em mercadoria de consumo com prazo de validade. Enfim, a busca de questões fora do campo da arquitetura para definir a arquitetura.

Arquitetura Moderna Brasileira

Em relação às questões de que forma a arquitetura brasileira se manifesta em relação a realidade europeia, temos três grandes classificações na produção brasileira. O primeiro momento da arquitetura brasileira está relacionado com a gênese da produção até a construção do estádio do Pacaembu¹⁰ nos anos dourados esportivos. O segundo momento é marcado pelos grandes estádios brasileiros, marcados por impactos urbanos indesejáveis, estabelecendo uma produção em larga escala elencando boa parte da produção brasileira. O terceiro momento revela a arquitetura de excelência brasileira, nas mãos dos grandes mestres transcendendo os parâmetros europeus, virando referência.

A primeira classificação de estádios no Brasil esta relacionada com o início da discussão da necessidade dos estádios nas cidades brasileiras. A importância da imprensa através do rádio foi fundamental para divulgação do esporte no Brasil, e também necessária para exigir a construção de estádios compatíveis com a crescente demanda da sociedade. A discussão ficava na prioridade do Estado construir um espaço destinado a atividades privadas. A inexistência de recursos por parte dos clubes para a construção de estádios de grande porte faz com que tenhamos no Brasil os primeiros estádios modestos como o Estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, o Estádio da Vila Belmiro em Santos e o Estádio Parque Antártica em São Paulo. A construção destes estádios nas dependências do clube demonstra a dificuldade em compatibilizar o programa na implantação. A primeira geração de estádios apresenta a arquibancada principal conjuntamente com a o edifício-sede do clube, junto com os salões de baile como acontece nos exemplos de São Paulo e Rio de Janeiro, fruto de uma adaptação do programa com o lote. O exemplo do projeto do Estádio Luso de Ramos de Azevedo demonstra a incompatibilidade demonstrada pela taxa de ocupação do equipamento esportivo, para o perímetro do lote devido as limitações físicas das propriedades particulares. Era comum a construção de uma arquibancada e após alguns anos a construção de mais acomodações aos torcedores, fato que contribuiria para um projeto modulado. Em função da mudança de gestão nos clubes brasileiros, a inexistência de uma política de continuidade de administrações anteriores, não há registros de que os projetos arquitetônicos foram iniciados e concluídos conforme o autor. A mudança de comando nos clubes fez com que mudassem objetivos e rumos, desconfigurando o projeto original com verdadeiras adaptações de projeto. Desta forma, a arquibancada original é totalmente diferenciada das novas arquibancadas construídas, realizando um interessante processo histórico de evolução de técnicas construtivas em um mesmo objeto, mas desconfigurando o conceito do projeto arquitetônico. A utilização da *estrutura aberta*¹¹ nesta primeira etapa nos remete ao modelo grego na intenção de integrar com a paisagem.

É importante ressaltar a diferença na relação do conjunto arquitetônico com sítio da implantação grega para a implantação em *estrutura aberta* brasileira. A relação de sítio simbólico e religioso com cuidados para com o entorno edificado e não edificado da tradição helênica, faz deste *modelo em "U"* no caso brasileiro estar muito mais relacionado com questões financeiras para fechamento do anel, do que uma proposta de integração com a cidade. A integração acontece em planta com as dependências do clube, mas volumetricamente fica comprometida pelas limitações espaciais, fato evidenciado pelo conjunto de edificações e por uma marcação clara dos limites do lote, através da mudança de morfologia do entorno construído. A inte-

gração está relacionada com o interior do conjunto, na sua implantação e não um diálogo urbano, realmente integrando com a cidade. A escala das edificações promovia uma relação com o homem através da dimensão das edificações e o caráter de *clube* que os conjuntos estabeleciam.

Os exemplos de estádios municipais demonstram uma liberdade maior na flexibilidade do lote, através da escolha de um espaço dotado de limites mais generosos gerando uma acomodação mais apropriada. A timidez para a vocação urbana persiste nos estádios, mesmo utilizando a *estrutura aberta*. O exemplo do Pacaembu demonstra claramente isso através da abertura do estádio estar voltada para o ginásio de esportes e em seqüência a piscina, limitada por um muro definindo todo o perímetro do conjunto. A seqüência de edificações proposta pelo eixo não tem continuidade no acesso ao público, proporcionando uma falsa monumentalidade. O acesso pelo eixo só acontece para o estádio, isolando o resto do conjunto. O estádio está de costas para a cidade. O Estádio Municipal de Santos, projeto de data desconhecida de Gregori Warchavchik estabelece uma melhor intenção urbana ao relacionar o estádio enquanto objeto para com os automóveis e as demais instalações esportivas, também dispostas em seqüência no eixo principal, para o pedestre dando continuidade ao eixo dialogando com o entorno. O desenho viário designa a edificação do estádio como uma centralidade de todas as direções, tratando o objeto como foco urbano. Esta proposta de organização das edificações em seqüência seguindo um eixo principal é uma utilização do esquema utilizado por Marck em Berlim e Parkinson em Los Angeles.

A segunda classificação de estádios no Brasil está direcionada ao entusiasmo econômico brasileiro, através do nacionalismo empregado pelo Estado, idealizando um modelo de cidadão brasileiro. A paixão pelo futebol, crescia a medida do sucesso dos atletas nas competições internacionais promovendo o nome Brasil, como marca da jovialidade da nação. O período compreendido da Revolução de Vargas ao milagre econômico, promove uma avalanche de estádios em todos os cantos do país, dotados de capacidades muitas vezes maiores do que a população da cidade, contribuindo com a imagem prevista de melhor do mundo, de maior do mundo na sua grandeza e construção. A Europa em guerra e depois na recuperação dos traumas e conseqüências da batalha, permite ao Brasil ser um local de vanguarda na produção arquitetônica. A presença de Le Corbusier e Marcelo Piacentini, a convite do governo brasileiro permite um ambiente de discussão favorável a evolução. Não é a toa que este período coincide com a melhor produção arquitetônica brasileira, através dos projetos financiados pelo Estado como o Conjunto da Pampulha, nos concursos do Ministério da Educação e Saúde, Cidade Universitária, Estádio Nacional e Brasília nesta imagem de país jovial, país moderno. Nada mais justo que houvesse o desenvolvimento de uma produção arquitetônica moderna com características brasileiras, fato contraditório com a doutrina universal modernista. Esta é a grande característica da arquitetura moderna brasileira, ser brasileira marcada por características específicas no discurso universal.

A importância na construção do cidadão dotado dos princípios atléticos e cívicos faz com que haja um interesse no Estado de assumir a responsabilidade de construir estes espaços para atividades cívicas e políticas para grandes públicos. Esta mudança faz com que haja uma responsabilidade do Estado para construir os estádios, deixando de ser uma atividade particular para ser uma realização pública. Esta modificação permite dentro do contexto brasileiro a idealização de grandes centros esportivos, para capacitação do homem moderno. Essas grandes instalações esportivas construídas em larga escala, foram prejudicadas pe-

los custos na implantação destes equipamentos e posteriormente a manutenção por parte do Estado. Sendo assim, os projetos arquitetônicos foram mutilados pela condição econômica, pela falsa imagem de que nesta nação poderíamos construir estes centros de excelência esportiva. As construções ficaram incompletas, com o estádio inacabado, gerando este desconforto estético presente nas edificações deste período. Os estádios nordestinos, presentes nas capitais de Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí, no Pinheirão do Paraná assim como outros particulares como o Beira-Rio em Porto Alegre e o Couto Pereira em Curitiba.

A realidade foi expressa na arquitetura esportiva com os impactos decorrentes deste período brasileiro, promovendo a discussão da escala inadequada ao homem dos estádios. O discurso da grande nação promovia a construção de enormes estádios, sem conseguir acaba-los. A questão financeira levava o descuido na solução estética estabelecido pela estrutura independente com exposição inadequada, fruto da interrupção da obra. A supervalorização dos sistemas estruturais oprime as soluções plásticas, transformando os estádios em edifícios sem valor estético, apenas de valor funcional.

A estrutura fechada¹² e o modelo elíptico atende melhor a condição de estádio público para as atividades olímpicas e do futebol no tipo misto, amplamente utilizada nesta geração capacitando o estádio normalmente com dois anéis de arquibancadas, com acomodação popular junto ao fosso. As instalações privadas aos atletas e comissão de arbitragem como vestiários e salas de aquecimento estão locadas no subsolo das arquibancadas possuindo uma iluminação e ventilação deficiente através do fosso. É uma *arquitetura sem arquitetos*, no sentido da impossibilidade de gestão frente aos questionamentos econômicos que mutilam o projeto transformando sua concepção de um edifício esportivo em uma arquibancada para aglomerar multidões.

A terceira classificação apresenta os edifícios de excelência na produção brasileira, servindo de referência internacional ou quebrando paradigmas estabelecidos para projetos de estádios. O Estádio do Maracanã, pela sua grandiosidade e pela importância enquanto símbolo do futebol registra o exemplar brasileiro mais pesquisado do tema esportivo através de publicações tornando-se ícone na cultura brasileira. Enquanto soluções projetuais é louvável a utilização do tipo exclusivo para o futebol, fato inédito para um estádio dotado de tremenda capacidade na produção internacional. A excelência na produção brasileira está nos projetos de quatro arquitetos: Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Severiano Porto. Embora alguns destes projetos não tenham sido construídos, as soluções programáticas, plásticas e técnicas estabelecem uma produção diferenciada, madura e genuinamente brasileira.

Oscar Niemeyer apresenta a implantação clássica com o eixo monumental fazendo a transição de escala pela Praça de Esportes estabelecendo a ligação entre a cidade e o estádio. O estádio é trabalhado pela hierarquia diferenciada de seu volume, havendo uma transição evidenciada no percurso para ingressar no edifício. As demais edificações componentes do conjunto têm características formais diferenciadas do estádio dando unidade ao conjunto pela diversidade e pelo emprego do concreto armado pintado de branco. As soluções estruturais são caracterizadas pela plasticidade no uso do concreto armado na busca de grandes vãos. A mudança na forma de cobrir as arquibancadas é expressa pela viga de 300 metros no Concurso para Estádio Nacional, no Rio de Janeiro em 1941 modificando a lógica empregada de apoio. A marquise suspensa pela viga estabelece um *link* com os estudos de Le Corbusier na construção da nova tipologia e

também ao Palácio dos Sovietes em Moscou, projeto de 1931. A solução de uma laje plissada para cobertura do Estádio do Centro Esportivo Brasília marca o ineditismo da proposta do estádio coberto, mas assim como o Estádio Nacional uma proposta com um programa mais amplo voltado não apenas as questões esportivas, mas ao entretenimento e lazer da população. A linha proposta por Niemeyer não estabelece modelos convencionais, mas emprega a flexibilidade formal das arquibancadas, moldando o volume pelo invólucro da cobertura. Nos estádios de Oscar Niemeyer o movimento da cobertura estabelece o equilíbrio espacial.

Vilanova Artigas estabelece a qualidade na concepção projetual com o detalhamento estrutural, representando na simplicidade da estrutura a verdadeira estética. Trabalha a implantação com o estádio fazendo o pano de fundo no eixo seqüencial de edifícios, configurando o quarteirão para *atividades profissionais* e outro para *atividades amadoras* setorizando a implantação e estabelecendo o estacionamento como vestíbulo da Praça de Esportes. A obra de Vilanova Artigas faz referência a obra de Schweizer em Viena na utilização da estrutura como pano virtual da fachada através dos vazios formados pelas vigas, lajes e pilares gerando um fechamento virtual que mostra a complexidade ambígua da arquitetura moderna.

O projeto de Paulo Mendes da Rocha estabelece a adaptação do edifício à cultura brasileira, através da utilização do estádio como espaço de entretenimento. O multiuso faz com que adapte o uso do futebol com atividades de lazer como o palco de apresentações, o restaurante agregando novas potencialidades ao edifício. Severiano Porto trabalha a regionalidade adaptada a universalidade pregada pelo movimento moderno com a adequação das tecnologias construtivas e uso de materiais a região e também uma escala mais humana ao estádio, evitando os grandes edifícios.

O uso de edificações dotadas de capacidade controlada aproxima esses ícones da arquitetura brasileira, com as qualidades dos edifícios da primeira geração, com uma escala mais doméstica. A visibilidade das arquibancadas é bastante apreciada nos edifícios com capacidade menor, trazendo mais conforto ao público. A utilização no caso brasileiro do *tipo misto*, adaptando as funções do futebol e do atletismo fez com que houvesse uma crescente procura nas decisões de projeto pelo *modelo elíptico*. Este modelo provoca um distanciamento do público do campo afastando o espectador do jogo.

A importância do estádio brasileiro no contexto internacional está mais relacionada a capacidade dos estádios e sua quantidade dentro do território nacional. Quando construídos possuíam necessidades voltadas a quantidade de público, diferente das necessidades contemporâneas que primam pela segurança do público. É importante frisar que os estádios quando projetados tinham que atender a um determinado programa, totalmente modificado hoje após décadas de sua construção. Atualmente estão desatualizados e somente uma competição internacional justificaria um esforço conjunto de poder público e privado para construção de novos espaços para a prática esportiva. Como fazer esta reciclagem nos estádios brasileiros? Há casos em que houve a necessidade de demolição para a construção de um novo estádio, como aconteceu com a Arena da Baixada em Curitiba. Há ainda a possibilidade de reforma como aconteceu com o Castelão em Fortaleza. Independente dos estádios brasileiros possuírem uma histórica e cultural significativa, a sua importância nas cidades enquanto ícones, fica o questionamento de como podemos estar inseridos dentro de um contexto de excelência arquitetônica com edifícios projetadas a mais de 50 anos? A substituição destes edifícios por outros mais atualizados não seria uma agressão a todo o processo cultural brasileiro, eliminando nosso patrimônio arquitetônico? Talvez a solução empregada pela rearquitetura no exemplo do Es-

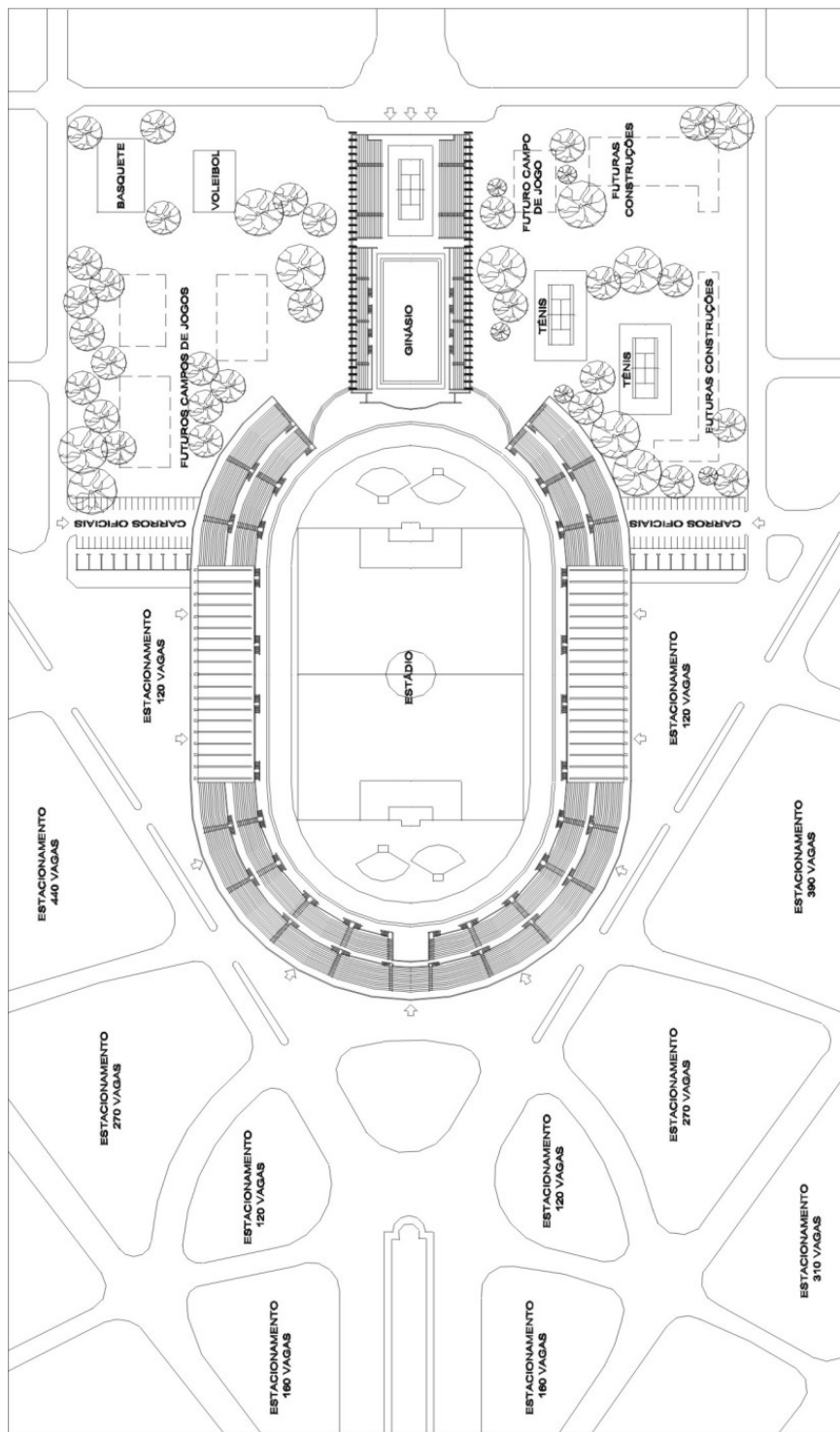
tádio de Montjuic, projeto de Vittorio Gregotti e equipe seja um exemplo da qualidade de um projeto não apenas na adequação do objeto estádio nas necessidades contemporâneas, mas na reintegração do estádio com a cidade.

A contribuição do trabalho enquanto pesquisa levanta possibilidades para desenvolvimento de futuros ensaios enfocando mais a relação da visibilidade do público, enquanto democratização do espetáculo e no processo de arquitetura desenvolvidos pelos estádios europeus nos anos noventa como processo de informação para o caso brasileiro. Propõe um estádio atendendo as necessidades brasileiras com *estrutura fechada*, para atender a capacidade maior do estádio prevista para até 60.000 espectadores, com o *modelo retangular* aproximando o público do campo, mas mantendo o fosso de maneira a intimidar invasões. O *tipo misto*¹³ substituindo a pista de atletismo pelo palco para apresentações e atividades de comércio e serviços integrando as atividades esporádicas do esporte com as atividades cotidianas da sociedade. A utilização de espaços populares deve atender 50% da capacidade de maneira a garantir o acesso do cidadão ao espetáculo. Utilização de camarotes no perímetro do estádio, assim como cadeiras especiais e cadeiras cativas. Instalação completa para imprensa com toda a logística para os equipamentos multimídia. Estacionamento adequado para a capacidade do estádio e do centro de serviços dinamizando sua utilidade. Implantação interagindo com o entorno dentro de parques ou espaços esportivos fora do perímetro urbano.

Desta forma, concluímos que a importância dos modelos europeus na cultura arquitetônica esportiva está mais relacionado com o uso das tecnologias construtivas e com os modelos formais. A características do público brasileiro faz com que existam certas restrições quanto a proximidade excessiva dos atletas do público, devido manifestações mais agressivas por parte dos torcedores.

Sendo assim a pista de atletismo presente em boa parte dos exemplos facilita este distanciamento do público, mas não tem utilidade haja visto que as competições de atletismo não possuem um interesse que justifique sua instalação em estádios de grande capacidade. É notório que no momento da construção destes estádios havia uma expectativa do desenvolvimento das atividades olímpicas, ou quem sabe de uma futura competição olímpica em solo brasileiro. Atualmente em muitos casos ela foi eliminada dando continuidade para a forração em grama. Desta forma o uso do *modelo elíptico* perde sua validade havendo uma adaptação, com as dificuldades da utilização deste modelo: o distanciamento do público com o campo, gerando defasagem entre o que se vê e o que se escuta.

A importância do estudo da arquitetura de estádios dentro do contexto da arquitetura moderna está na contribuição para a discussão contemporânea das qualidades de um edifício conseqüência de um bom projeto arquitetônico e edifícios que desenvolvam apenas o programa de necessidades, solucionando apenas uma das condicionantes da qualidade do projeto arquitetônico. A funcionalidade é fundamental no edifício esportivo, mas os impactos estéticos de referenciais urbanos desta escala, devem ser trabalhados até o esgotamento das possibilidades.



IMPLANTAÇÃO

Figura 02 -Estádio Municipal de Santos. Gregori Warchavchik. (CERETO, 2003)

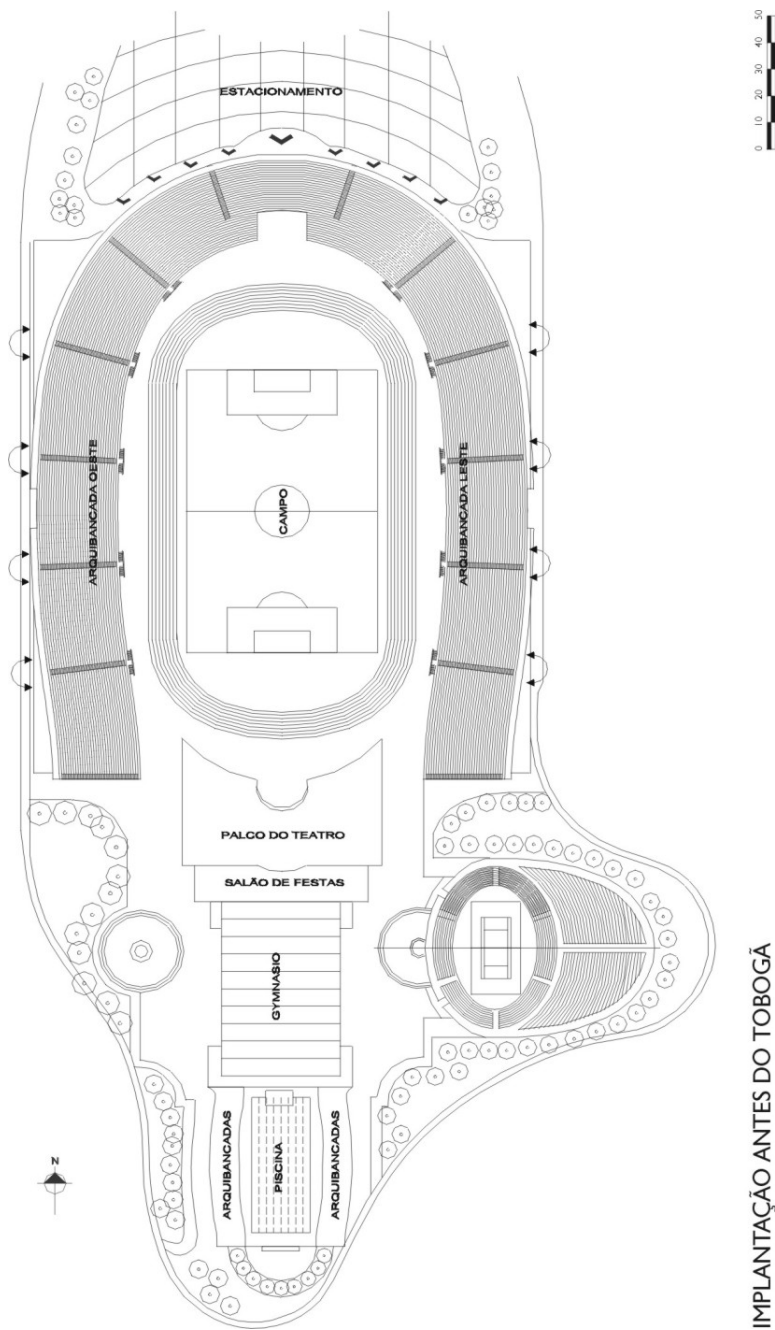


Figura 03 -Estádio Municipal de São Paulo. Ramos de Azevedo. (CERETO, 2003)

Notas

- ¹ Termo utilizado na antiguidade para designar o grande vencedor dos jogos realizados em Olímpia.
- ² Arquiteto Tony Garnier, 1913.
- ³ Arquiteto Sir John Simpson e Maxwell Ayerton, 1923.

⁴ Arquiteto W. Marck, 1913.

⁵ Arquiteto John e Donald Parkinson, 1923.

⁶ Arquiteto J.A.Scasso, 1930.

⁷ Arquiteto Otto E.Schweizer, 1930.

⁸ Eng. Pier Luigi Nervi, 1929.

⁹ Arquiteto Van der Vlugt, 1940.

¹⁰ Grande marco brasileiro como espaço multiuso para manifestações de massas. Inaugurado em 1940 por Getúlio Vargas o projeto de autoria do escritório de Ramos de Azevedo.

¹¹ Estrutura formal com abertura nas estruturas das arquibancadas permitindo a permeabilidade visual.

¹² Estrutura formal sem permeabilidade visual.

¹³ Utilização tanto para as atividades olímpicas como a prática do futebol.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Plínio. **Entrevista com o arquiteto sobre arquitetura dos estádios**. Porto Alegre, 2000.

ARTIGAS, Rosa (org.). **Paulo Mendes da Rocha**. São Paulo: Editora Cosac & Naify; Associação Brasil 500 anos artes visuais; Fundação Bienal de São Paulo, 2000. 240p.

BADOVICI, Jean. **L'architecture Vivante: l'oeuvre de Tony Garnier**. Paris: Éditions Albert Morancé, sd

Barcelona – Arquitectura y Ciudad 1980 – 1992. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1990. 239 p.

BARDA, Marisa. **Estádios e arquitetura**. Revista Arquitetura e Urbanismo, n.30, p.32-47, jun/jul. 1990.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. 3a.edição. 813p.

BOESIGER, Willy. **Le Corbusier**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 257p.

BOTEY, Josep Ma. **Oscar Niemeyer**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1996. 255p.

BRASÍLIA: arquitetura e engenharia. 2ed. Belo Horizonte: Santa Marina, 1961. 110p. Edição especial da Revista Arquitetura e Engenharia sobre fundação de Brasília.

BROMBERGER, Christian. **Las multitudes deportivas: analogía entre rituales deportivos y religiosos**. Buenos Aires: Lecturas: Educación Física y Deportes Año 6, número 29 Janeiro 2001.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva. 3a.edição. 398p.

BUENDÍA, Roberto Velásquez. **El deporte moderno. Consideraciones acerca de su génesis y de la evolución de su significado y funciones sociales**. Buenos Aires: Lecturas: Educación Física y Deportes Año 7, número 36 Maio 2001.

CAMPANINI, R. **Architettura e tecnica degli Impianti Sportivi**. Milão: Editora Antonio Vallardi, 1950. 211 p.

CAMPANINI, R. **Edifici sportivi**. Milano: Editore Antonio Vallardi. Sd. 138p.

CENTRES de loisir et stades piscines: première serie. Paris: Albert Morance,[1940?]. 81p.

- CENTRES de loisir et stades piscines: deuxième serie.** Paris: Albert Morance,[1940?]. 92p.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Ramos de Azevedo.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 406p.
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno: guia de Arquitetura 1928-1960.** Rio de Janeiro: Aeroplano,2001. 468p.
- COMAS, Carlos Eduardo. **Protótipo e monumento, um ministério, o ministério.** Revista Projeto n 102, 1986.
- COMAS, Carlos Eduardo. (org). **Projeto Arquitetônico disciplina em crise, disciplina em revolução.** São Paulo: Projeto Editores associados, 1986. 96p.
- CORBUSIER, Le. **Oeuvre complete: 1934-1938.** Zurich: Editions Girsberger,1957. 176p.
- COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa de Artes, 1995. 616p.
- Estádio Vivaldo Lima.** Revista Arquitetura IAB. Rio de Janeiro, n.58,p.55-57, abr.1967.
- FRANZINI, Fábio. **Futebol, Identidad y ciudadanía en Brasil en los años 30.** Buenos Aires: Lecturas: Educación Física y Deportes Año 3, número 10 Maio 1998.
- GATI, Catharine. **DOCUMENTO Oswaldo Corrêa Gonçalves.** Revista Arquitetura e Urbanismo, n.59, p.79-87,abr/mai 1995.
- GODOY, Lauret. **Os jogos Olímpicos na Grécia Antiga.** São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1996. 129p.
- GOMES, Ângela de Castro. **Capanema: o ministro e seu ministério.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 276p.
- GÖSSEL, Peter; LEUTHÄUSER, Gabriele. **Arquitectura no século XX.** Barcelona(?): Taschen, 1996. 432p.
- JOHN, Geraint; CAMPBELL, Kit. **Outdoor Sports. Handbook of sports and recreation building design.** Vol.1. Second Edition. Oxford: Architectural Press, 1999.
- LEME, Maria Cristina da Silva. **DOCUMENTO Francisco Prestes Maia.** Revista Arquitetura e Urbanismo, n.64,p.59-65,fev/mar 1996.
- LIMA, Magali Alonso de. **Formas arquiteturais no Estado Novo (1937-1945) – suas arquiteturas na plástica de corpos e espíritos.** Rio de Janeiro: Funarte, 1979. 124p.
- LINDENBERG, Nestor. **Os esportes – traçado e técnica construtiva nos campos esportivos.** São Paulo: Editora Cultrix, 1977. 223p.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva.** Belo Horizonte: AP Cultural,1995.
- MONTANER, Josep Maria. **Arquitectura e crítica.** Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1999. 109p.
- MINDLIN, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de C. **O estádio de Pacaembu.** Buenos Aires: Lecturas: Educación Física y Deportes Año 3, número 10 Maio 1998.
- ORTNER, Rudolf. **Constucciones Deportivas.** Barcelona: Editora AHR,1957. 302 p.
- OSTERMANN, Ruy Carlos. **Até a pé nós iremos.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000. 252p.

OYARZUN, Fernando y MORI, Alejandro y CHALA, José. **Los hechos de la arquitectura**. Santiago: Ediciones ARQ.1999.

PAPADAKI, Stamo. **The work of Oscar Niemeyer**. New York: Reinhold, 1950.

PIÑÓN, Helio. **Arquitetura de las neovanguardias**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1984. 197 p.

PORTO, Severiano Mario. **Entrevista com o arquiteto sobre arquitetura em Manaus**.Rio de Janeiro, 2002.

REIS, Assis; NAIA, Alban; NERY, Pedro. **DOCUMENTO Diógenes Rebouças**. Revista Arquitetura e Urbanismo, n.58,p.55-63,fev/mar 1995.

RUSCONE, Francesco. **Esporte e arquitetura – análise de uma relação**. Revista Arquitetura e Urbanismo. São Paulo. P.84-86.jun.1986.

SAABAG, Haifa Y. **O maracanã de todas as cidades**. Revista Arquitetura e Urbanismo, São Paulo p.55-57, jun 1986.

SAABAG, Haifa Y. **Técnica como espetáculo**. Revista Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, n.78, p.36-43. jun/jul 1998.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1999. 224p.

STÔHER, Eneida Ripoll (org). **O tipo na arquitetura: da teoria ao projeto**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. 208p.

SUDELL, Richard; WATERS, Tennyson. **Sports Buildings and playing fields**. London: B.T.Batsford, 1957. 240p.

TOGNON, Marcos. **Arquitetura italiana no Brasil: a obra de Marcelo Piacentini** (história,catálogo, documentos). Campinas, Editora da Unicamp,1999. 276p.

VIEIRA, Cláudio. **Maracanã – Templo dos deuses brasileiros**. Rio de Janeiro: C.Vieira, 2000. 152p.

VILANOVA ARTIGAS: ARQUITETOS BRASILEIROS. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi – Fundação Vilanova Artigas, 1997. 216p.

XAVIER, Alberto (org). **Arquitetura moderna brasileira : depoimento de uma geração**. Editora Pini, São Paulo, 1987.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna paulistana**. Editora Pini, São Paulo, 1983.

WIRSZYLLLO, Romuald. **Budwnictwo Urzxadzén Sportowych**. Warszawa: Intytut Urbanistykkii Architektury, 1961. 72p.